

ESTUDANTES

ORGÃO OFICIAL DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA
FACULDADE DE DIREITO

1954 - nº 9

— SUMÁRIO —

	Pags. Nos.
EDITORIAL	1
BACHAREIS DA RESTAURAÇÃO	2
TENDÊNCIAS BIOLÓGICAS NA 'INTERPRETAÇÃO SOCIAL — L. Pinto Ferreira	3
MARTINS JÚNIOR — Isidoro M. Souto	8
WHEN FORTY WINTERS SHALL BESIEGE THY BROW — Mac-Dowell Filho	9
CIDADE UNIVERSITÁRIA	10
ORIGEM DO MINISTÉRIO PÚBLICO — Antônio Me- deiros	11
SONETO — Vasconcelos Teixeira	12
ANÁLISE HISTÓRICA — R. Lincoln F.	13
COLONIZAÇÃO HOLANDESA E PORTUGUESA NO BRASIL — Vamireh Chacon	14
FILOSOFIA DE PRETO VELHO — Aziz F. Elihimas . .	17
UM VERDADEIRO CANCER SOCIAL — Valdi da Mata	18

34005
P.2972

1954 - nº 9

Ac. 378834
bx. 2
950507

ESTUDANTES

Presidente - Cleber Bahia

Secretário - Antonio Medeiros

Redação - Geraldo Pinto

Roméro Lincoln

EDITORIAL

O primeiro propósito que nos anima a reconduzir "ESTUDANTES" à circulação, e de nos portarmos à altura de uma tradição: os estudantes de Direito do Recife sempre estiveram, "nos prelos e nas tribunas", voltados para os acontecimentos de vulto da vida intelectual, social e política do Brasil. E é reivindicando essa posição tradicionalmente consagrada, que a atual geração da velha casa de Direito se dispõe a trazer seu pensamento, tão livre como o exigem as circunstâncias, para o povo, debatendo de público as justas reivindicações do pensamento e da cultura con'emporanea, dando o seu julgamento sem o sacrifício da verdade e da justiça.

* *

Sentimos, como tantos, que vivemos uma época de crises. E como tantos, sentimos e avaliamos a gravidade dos nossos passos, a responsabilidade que nos gravam as ações, a necessidade vista como inadiável, e como tal sentida, da mocidade se fazer ouvida, da mocidade idealista, irreverente na sua franquesa e que é um pêso na consciencia dos que cedem, bradar em favôr de suas crenças na imprescindível dignidade das instituições constitucionais, e exigir irrecusavelmente o respeito que é devido à eminencia da vida humana.

* *

Tem essa revista, pois, natural e evidentemente, o propósito de ser útil aos estudantes de Direito do Recife, os maiores herdeiros em tradição cívica e cultural entre os estudantes do Brasil. Util, convem salientar, no sentido de possibilitar a quem de direito, por capacidade e por merecimento, de externar o seu pensamento, a sua crença, o seu julgamento — e tão só se exige o respeito, que é devido ao que, com efeito, For respeitavel.

BACHAREIS DA RESTAURAÇÃO

Mais uma turma de bacharéis deixa, este ano, o currículo universitario da tradicional Faculdade de Direito do Recife. 1954, ano em que, Pernambuco, fiel ao seu passado de luta, comemora, com festejos pomposos, o terceiro centenário de sua Restauração. Rendendo esta homenagem aos nossos heróis ante-passados, também a Faculdade de Direito do Recife, coerente com o seu passado de glórias presta o seu tributo aos festejos da Restauração.

Assim sendo, lança este ano, no campo da luta, para o cultivo do Direito e da Justiça cento e setenta bacharéis — a maior turma que ali já se registrou — cognominados: "BACHAREIS DA RESTAURAÇÃO".

Bela profissão! Amplo campo de ação para inteligências vivas, que poderão revelar-se de forma notável na distribuição equitativa da Justiça, pugnando pelo respeito às leis, e, sobretudo, zelando pela integridade dos princípios básicos do regime administrativo.

Feliz turma essa que, não decepcionando no seu dever de estudante, sempre unida e coesa, soube honrar a tradição das numerosas turmas que por aqui passaram, deixando um rastro luminoso de belos feitos, exemplos edificante de moral e cultura.

Felizes os Bacharéis da restauração, que ao receberem a láurea acadêmica, prestarão um compromisso sagrado de defender os postulados da Lei e da Justiça. Que sejam fiéis a este juramento, são os votos desta revista posto avançado na defesa dos princípios dogmáticos do Direito.

Feliz turma de 54. Em todos os sentidos da vida estudantil — Cultura — Política — Esportes — soube, sempre e sempre, se conduzir com galhardia e um zelo feiticheiro, sobrepujando seus colegas universitários contemporâneos.

Jornalistas de valor insofismável como Abdias e Calado. O incompreendido poeta Teixeira, suas poesias da "Dimensão do Tempo", cantando às musas os seus amores platônicos. Na prosa, ainda Teixeira com seu livro "Cabo Anaeto". Juristas do porte de Antonio Lutz, civilistas como Medeiros, oradores como Figueiroa e o saudoso

Felix Araújo cuja arrogância do improvisado talvez o coroasse orador da turma. O Jaime Gomes orador dos festejos populares; o decorador, estudioso e cômico, Juarez Papelra. O Bonfim, especialista em desquites amigáveis.

Mens sana in corpore sano, velho preceito remano que eles souberam aproveitar com carinho e dedicação. Assim, dentre os bacharelados de 54 encontramos verdadeiros campeões: José Nelson, Baixinha, Toinho, Casado, Malaquias e o gordo Paulo Terêncio que, durante quatro anos consecutivos, soube manter a invencibilidade do seu quadro.

Na vida política da Escola vamos encontrar aqueles corajosos batalhadores. Ainda no segundo ano, formaram o alicerce do grande partido Populista, liderado por Olímpio Mendonça, arauto da Igualdade e popularidade. Conseguiram a queda da valha panela dos Neves. Na direção do órgão de classe foram os iniciadores das Semanas Jurídicas, cursos de línguas e de uma assistência aos colegas menos aporquenados. Ainda hoje, com o seu atual presidente, o colega Cleber Bahia, tem o Diretorio Acadêmico recebido uma direção condigna. Para conduzir aquele jorgão de classe até o próximo ano, tem o Populismo outro candidato: ALBERTO VASCONCELOS. Candidato a altura do cargo, possuidor de qualidades bem conhecidas de todos. O valor, a integridade moral, a honestidade, a popularidade e a inteligência, fundem-se, conjunto perfeito de gentil homem.

Ladeados por seus amigos de turma como Cleber, Juarez, Toinho Nelson, Terêncio e tantos outros populistas na Escola já podemos considerar vitoriosa aquela chapa.

Inumeras seriam as palavras se tentássemos fazer um retrospecto desta boa turma que, de certo, deixará um vago impreenchível no velho casarão da praça Adolfo Cirne.

Por fim, certos ficamos, que os Bachareis da Restauração não deixarão subestimar o sentimento da Justiça e do Direito. Outrossim, a Faculdade de Direito do Recife, se ufana, por entregar à sociedade verdadeiros paladinos das ciencias sociais e jurídicas.

Felicidades, Bachareis da Restauração.

As Tendências Biológicas Na Intepretação Social

Pinto Ferreira

1 — FUNDAMENTOS DA ESCOLA BIOLÓGICA — A escola biológica representa uma tomada de posição bem interessante no panorama da sociologia, posto que a considera como uma ciência natural, explicando os fatos sociais em função dos princípios e conceitos biológicos, á exemplo da raça, da herança ou da seleção. Trata-se de uma idéa que teve o seu apogeu no século XIX, na idade de formação da sociologia e, se bem que hoje em vida ainda tenha grande mérito e valor, foi evidentemente depurada de seus defeitos e vícios congênitos para permitir uma consideração mais objetiva dos problemas histórico-sociais.

Como exemplo ilustrativo de uma tentativa de interpretação biológica dos fenômenos sociais, poder-se-ia aludir á teoria racista de Gobineau, falando de uma distinção entre raças superiores e inferiores e mostrando que as raças superiores, no caso a raça nórdica, seriam responsáveis pelo florescimento das civilizações.

Essa visão preliminar permite uma compreensão mais adequada da doutrina biológica, pelo contraste com outras modalidades de apreciação da sociedade, á maneira da escola economista, que realça o elemento econômico como um aspecto decisivo de desenvolvimento da civilização. Entretanto, como se disse, a escola biológica tem uma viva importância no domínio da sociolo-

gia, cabendo de passagem apontar vários ramos dessa orientação ou várias sub-escolas que se incluem dentro dessa perspectiva geral, como sejam: 1.º O evolucionismo de Spencer; 2.º O organicismo social; 3.º As teorias da raça, da herança e da seleção social; 4.º A escola Biométrica de Galton e Pearson; 5.º A escola Evolucionista de Lyssenko.

2. O EVOLUCIONISMO DE SPENCER — Passemos assim a considerar, em uma apreciação sumária, a essência da orientação naturalista, apontando a um tempo só o seu mérito e os seus defeitos, e começando com a escola evolucionista de Spencer.

É bem conhecida a figura revolucionária de Spencer, que teve uma projecção universal no pensamento filosófico e sociológico do século transato, influenciando muito profundamente no desenvolvimento da filosofia geral ou da sociologia. Nasceu no ano de 1820, na Inglaterra, em Derby, vindo a falecer numa idade avançada, em 1903, deixando uma enorme bagagem intelectual, entre a qual se destacam os seguintes livros: "Estática Social", "Princípios de Sociologia" (em 3 volumes), "Princípios de Ética", "Princípios de Psicologia" e outros, êstes últimos se enquadrando dentro do plano da sua filosofia sintética. Spencer foi um dos grandes teóricos do evolucionismo, divulgando com sagacidade o conceito de evolução e lhe fa-

zendo o transplante do domínio da física e da biologia para o campo especificamente social. Naquela época estava em moda o conceito de evolução que penetrou em todos os domínios do pensamento científico, sobretudo após os trabalhos memoráveis de Kant, Laplace e Darwin.

Para Spencer, a evolução é o principio fundamental do universo e da sociedade e seria interessante mostrar como êle entendia o conceito de evolução, que formulava nos seguintes termos: "a evolução é a passagem do homogêneo para o heterogêneo". Esse conceito de evolução êle applicava aos três planos, como sejam, o plano inorgânico ou de natureza inanimada, o plano orgânico ou da natureza viva e o plano super-orgânico ou social, de tal sorte que a idéa de evolução teria assim um sentido universal ou uma validade completa no plano da natureza. Êle sustentava o mesmo pensamento evolucionista na sua filosofia sintética, porque partia da hipótese cosmogênita de Laplace, de uma nebulosa primitiva, de uma massa incandescente, que constituiria o universo primitivo, qual seja, a tese de que de uma só massa nebulosa teria derivado todo o sistema solar e, numa diferenciação progressiva dêsse estado homogêneo inicial, ter-se-ia constituido o universo no seu estado actual.

A teoria da evolução foi di-

Segundo Lapouge, as grandes fases da civilização seriam produzidas pelas sociedades, cuja população mostrava um maior número de representantes dos dólico-louros, ao passo que a sua decadência adviria da predominância dos tipos representativos do Homo Alpinus e do Homo Contractus, com uma braquicefalia mais acentuada, responsável especialmente pelo declínio da civilização.

Essa tese, com ligeiros corretivos ou modificações, foi aceita por Ammon, em diversos estudos como "A seleção racial" e "A ordem social e seus fundamentos naturais", expondo pontos de vista, por assim dizer, semelhantes ao de Lapouge nessa interpretação racista da história.

Hoje em dia a sociologia biológica naturalmente não pode aceitar "in totum" os postulados racistas da concepção, que aliás, serviu politicamente à expansão ideológica do nacional-socialismo na Alemanha, tendo em vista a pregação de uma raça pura, uma raçaariana superior, à qual se concedia uma preeminência na construção do mundo e da história, constituída pelo povo alemão, com a idéia da mística racial germânica.

Não é possível evidentemente aceitar à outrance os postulados de tais pensadores, se bem que se possa admitir, dentro de limites razoáveis, uma certa influência racial na história, não como fator único ou decisivo, porém sempre como um elemento que, associado e entrelaçado a outros, poderá atuar na marcha dos acontecimentos históricos. Admite-se, hoje em dia, uma certa diferença entre as raças, pois a tese da escola de Boas, de uma absoluta nivelção entre as raças, não é hoje de todo aceita na sociologia biológica, numa orientação que aliás

teve um representante autorizado entre nós com o prof. Gilberto Freyre, em "Casa Grande & Senzala", quando divulgou os postulados da escola de Boas sobre a igualdade das raças.

Parece, porém, mais acentuado afirmar outro ponto de vista, corrigindo esse pensamento, sobretudo porque há, de fato, uma relativa divergência biológica entre as raças, conducente a uma psicologia diferencial das raças, mostrando como, em certos aspectos, elas são diferentes e essa diferenciação pode provocar também uma superioridade relativa de uma com relação a outra em alguns caracteres básicos. Bem se sabe, por exemplo, que a raça negra tem uma maior aclimatibilidade aos trópicos, que não possui o tipo branco. Porém de outro lado a raça branca tem revelado, com respeito as outras, uma evidente superioridade nos traços decisivos de cultura, especialmente na ciência, na técnica e na filosofia.

Pretende o professor Keith, no seu livro "A diferenciação do homem em tipos raciais" (The Differentiation of the Man into Racial Types), ou ainda no seu estudo sobre "A evolução das raças humanas à luz da teoria hormonal" (The evolution of Human Races in Light of the Hormone Theory), que existe uma diferenciação glandular entre os tipos raciais, porque, segundo ele, o tipo mongólico apresentaria uma insuficiência tireóideica em relação ao tipo branco, do mesmo modo que a raça negra apresentaria uma insuficiência suprarrenal em relação ao mesmo tipo branco, e isso, até certo ponto, explicaria, segundo ele, as reações raciais na história. Bem se sabe, por exemplo, em consonância aos estudos da endocrinologia ou da blotipologia, como a insu-

ficiência tireóideica, que se desenvolve na raça mongólica, provocaria em qualquer tipo humano uma certa apatia, uma indiferença, um desinteresse antes os estímulos da vida, o que se tem observado grosso modo nas populações asiáticas onde parece dominar uma relativa inércia cultural.

São simples explicações dadas sobre o problema para mostrar até onde vem incluindo a moderna sociologia biológica sobre tal assunto, inclusive mesmo à luz da blotipologia ou da endocrinologia.

Segundo parece, a posição mais acentrada no modo de esclarecer a questão seria reconhecer uma diferença inata entre as raças, admitindo em alguns aspectos a superioridade de uma sobre as outras, como no caso há pouco citado da maior aclimatibilidade dos negros ao ambiente tropical e sub-equatorial. Porém, deve-se mostrar que, em aspectos básicos, especialmente aqueles tocantes às conquistas fundamentais da humanidade, na ciência e na técnica, houve incontestavelmente uma superioridade histórica do homem branco, que realmente lhe conferiu a preeminência na civilização contemporânea. Nesse sentido, convém aceitar, dentro de limites razoáveis, a influência da raça na história, sem que se chegue, entretanto, por um sofisma de generalização, a pretender que o elemento racial seja único, mas tão só um dos fatores na determinação do curso da história, como é aliás a opinião dos representantes modernos da escola, incluindo o professor Hanks no seu trabalho "A Raça na Civilização".

5. A ESCOLA BIOMÉTRICA DE GALTON E PEARSON — Deve-se também, no momento, aludir ao chamado ramo biométrico da escola racial, representado por Galton

e Pearson, que em geral se aproveitam dos pontos de vista dominantes na interpretação racista da sociologia, afirmando que os fatores biológicos têm uma influência decisiva na sociedade.

Eles procuram, sobretudo, mostrar que a frequência de tipos superiores, pela sua inteligência e pela sua nobreza moral, seria responsável pelo progresso da civilização, ao passo que a diminuição dessa frequência nas sociedades seria responsável pelo declínio das sociedades. Fizeram-se mesmo alguns estudos estatísticos sobre os homens de gênio na Inglaterra, mostrando como, nos últimos séculos da civilização britânica, existiu uma elevada percentagem de homens geniais, calculando-se mesmo que para cada um milhão de ingleses nasceram cerca de duzentas e cinquenta personalidades eminentes nas letras, na ciência, na filosofia ou na política, em qualquer domínio da atividade humana em geral, num índice elevado que seria um dos fatores decisivos da preeminência da Inglaterra no mundo contemporâneo.

Vê-se assim que o ramo biométrico da escola biológica também se enquadra na orientação de uma interpretação racista da História, revivendo num plano estatístico a teoria do herói de Carlyle.

6. A CONCEPÇÃO EVOLUCIONISTA DE LYSSENKO — Entre as interpretações biológicas do pensamento social, cumpre apontar a linha de pensamento firmada recentemente por Lyssenko, cientista russo, e à qual alguns autores emprestam um significado filosófico-social, deduzindo determinadas consequências de suas premissas básicas. É sabido que a interpretação de Lyssenko, exposta em sua obra "A herança e sua varia-

bilidade", discorda fundamentalmente dos pontos de vista clássicos do weissmanismo, porque esse cientista alemão, Weissmann, principalmente nas suas "Conferências sobre a Teoria da Descendência", pretende que a evolução seria uma consequência de fatores puramente genéticos.

Ao contrário, a posição assumida por Lyssenko é uma revitalização do néo-lamarckismo, pois sustenta a tese da herança dos caracteres adquiridos e sobretudo afirma que a evolução se processa mediante a atuação de condições externas atuando sobre a energia vital interna dos organismos.

Em ambas as hipóteses, seja a do weissmanismo ortodoxo, seja a do lyssenkismo, admite-se o princípio fundamental da evolução, com esta nota discordante: Weissmann vê na evolução uma consequência direta da atuação dos genes e Lyssenko, ao contrário, a interpreta pela influência de fatores externos.

A teoria de Lyssenkô se procura emprestar um significado universal e mesmo histórico-social, visto que alguns cientistas sociais soviéticos procuram dar uma validade universal à genética lyssenkista. Dizem eles que essa genética constitui um processo adequado para a transformação de todas as criaturas vivas, incluindo o próprio gênero humano. Dessa maneira um tal pensamento não se aplica tão só ao campo da agro-biologia, senão também das próprias raças humanas, porque os partidários da tese sustentam que por esse processo se poderão eliminar os caracteres herdados pelos oprimidos durante séculos de injustiça social, que deram margem ao servilismo do povo na sociedade. Procura-se então reeducar o proletariado e edu-

car as próprias raças humanas, a fim de criar um homem novo, como diria Lyssenko, o homem socialista.

Essa tese, aliás, corresponde à própria concepção marxista, que acentua como possível o advento da sociedade socialista com uma transformação do próprio homem, uma transformação da própria natureza humana, permitida pela evolução progressiva e dando margem à futura sociedade socialista.

7. CRÍTICA DO BIOLÓGICO — Passemos agora a uma ligeira crítica das bases e fundamentos das escolas biológicas em sociologia, salientando de antemão que a dita interpretação tem alguns aspectos lúcidos e vigorosos, porém apresenta de um lado falhas que deverão ser eliminadas em uma apreciação científica dos problemas sociais.

Em princípio, não convém dar um valor exclusivo e único ao elemento biológico na sociedade, pretendendo realizar uma fundamentação dos grupos sociais tão só à base das teorias da raça, da seleção e da herança. Sem dúvida, tais fatores são importantes, ajudam ao esclarecimento da conduta dos homens na sociedade, porém não são exclusivos, porque também sobre o homem pesam a tradição, a herança cultural, a existência da própria sociedade historicamente articulada com seus usos e costumes, modelando em certos limites a conduta do ser humano.

Todavia, o grande mérito da escola biológica foi destacar a idéia da evolução do plano científico e com especialidade no campo da sociologia. O conceito da evolução é assim de todo aquilo na biologia, como acentua Bertrand Russell, ilustre físico e cientista-filosófico britânico, na sua recente obra com o título "O Co-

nhecimento Humano", quando declara que a idéia da evolução é hoje em dia geralmente aceita. Tão sómente há uma certa pluralidade de pontos de vista no modo de compreendê-la, pois o Weissmanismo ortodoxo acentua a atuação dos elementos genéticos, e a sua antítese na filosofia biológica, que é o Lyssenkismo, mostra a influência dos fatores externos.

Segundo parece, ao ver de certos estudiosos, como o próprio B. Russell, no seu livro precitado, e bem assim Korzyki em sua obra "Ciência e Sociedade", seria mais prudente admitir na evolução biológica o jogo entrecruzado dos elementos externos e internos, a tal ponto que tais autores

mostram mesmo a influência dos raios-X e até dos raios cósmicos, provocando mudanças ou mutações nos organismos.

Bem se sabe, os raios-X são elementos do mundo exterior e se admitem, destarte, com a possibilidade da atuação de tais fatores sobre o patrimônio genético, as consequências automáticas de influência de fatores externos na evolução. A filosofia biológica assim parece prudente em aceitar essa tese, que se colocam a meio termo entre as duas posições antagônicas de Weissmann e de Lyssenko.

Assim a idéia de evolução penetrou nas ciências sociais especialmente pela influência de Spencer, mostrando o desenvolvimento constante das

instituições sociais, ao contrário da posição simplista de inúmeros precursores da sociologia ou de pensadores dogmáticos, quando compreendia a sociedade como uma instituição estática. Possibilitou destarte a construção de diversos esquemas da dinâmica social, mostrando a existência de determinadas leis da evolução na sociologia, na economia ou nas ciências sociais em geral.

A interpretação evolucionista foi útil à posição biológica na visão da sociedade, se bem que se lhe devam eliminar os vícios há pouco apontados, da consideração dos fatores biológicos como exclusivos na determinação dos acontecimentos histórico-sociais.

MARTINS JÚNIOR

"Ele tinha a pureza intacta de um asceta,
Dos cenóbios da luz que as almas densedenta".

TEOTÔNIO FREIRE

IZIDORO MARTINS SOUTO

Águia do pensamento. Esteio da cultura.
Um gigante de ideais castiços, elevados.
Espírito de escól. Grande astro que fulgura
No glorioso panteon dos nomes consagrados.

Leão que rugiu feroz, com indômita bravura,
Contra os êrros e os bons princípios conspurcados.
Um Codro que tornou a Pátria excelsa e pura,
E que traz desta Pátria os filhos sublimados.

Paladino imortal das tradições de um povo,
Que sonhou com um Brasil feliz e sempre novo,
Que serviu de fanal á nossa raça inteira.

Visão de ontem e de hoje e mesmo de amanhã,
Que para nós é orgulho e glória sã,
— Espelho onde se mira a Pátria brasileira!

(Do "TEMPLA SERENA", em preparo)

When Forty Winters Shall Besiege Thy Brow

Quando quarenta invernos te cercarem
A fronte, quando corrosivas rugas
Das faces o veludo te sulcarem
Onde a beleza então que ora conjugas.

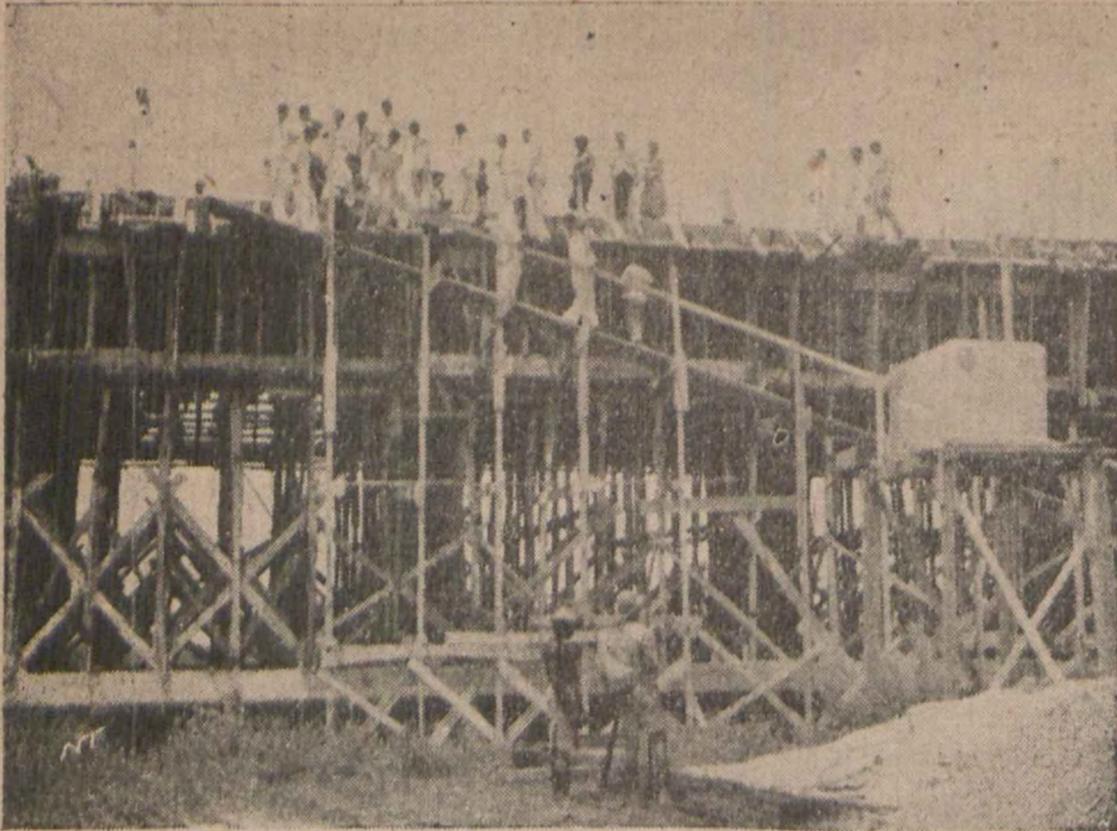
Com tua replandente mocidade?
Dirás acaso: "Nestes olhos cavos"?...
Ó suma derrisão, ó needade,
De dulçuroso fruto ó acres travos!

Mas se disseses: "Este rico infante
Conta por mim e exculpa o renegado",
Então sim, á beleza' triunfante
Serias fiel na fé de teu morgado.
Ah refulgir das cinzas do passado
Refervescer de um sangue congelado.

S. MAC-DOWELL FILHO

(Do Livro: "Pequena Sequência Shakespeareana").

CIDADE UNIVERSITÁRIA



Obras do Hospital de Clínicas

Visita dos doutorandos de Medicina

Dezembro 1953

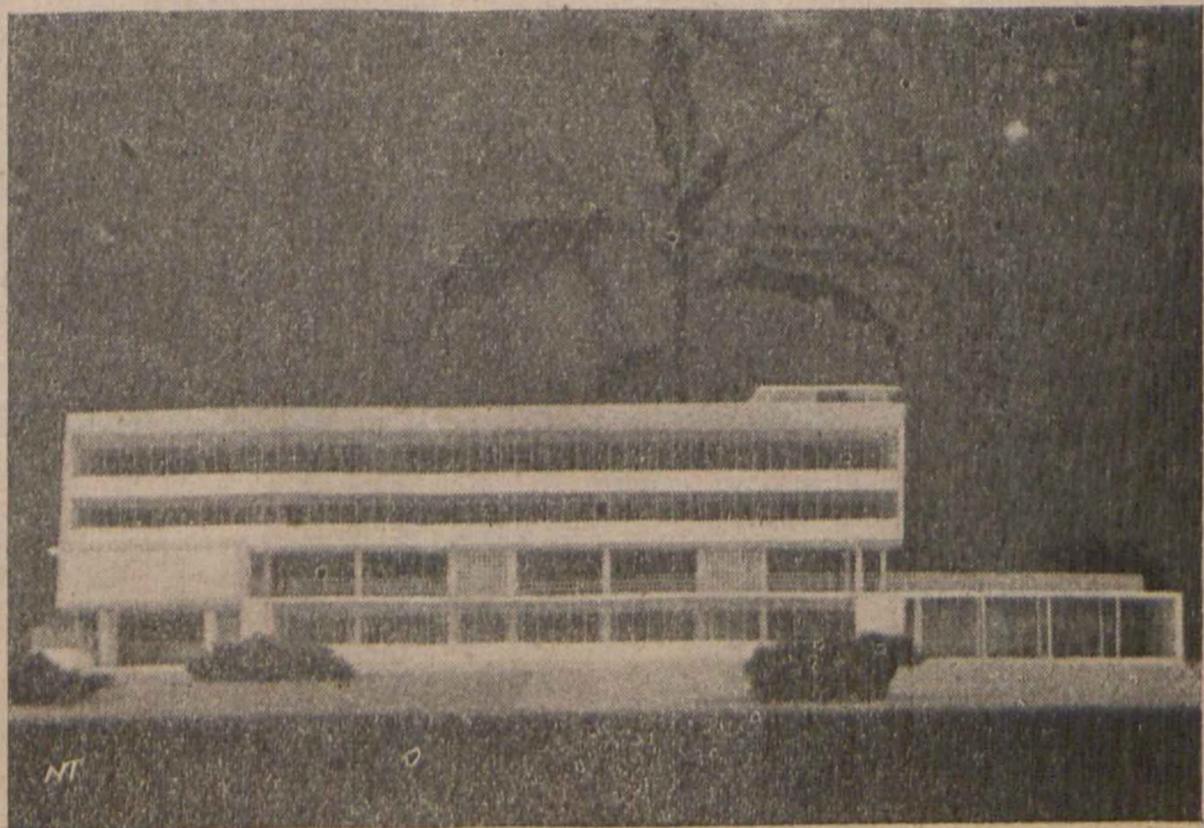


MAGNIFICO REITOR

JOAQUIM AMAZONAS

ACCOMPANHA DE PERTO A CONSTRUÇÃO DAQUILO QUE É SEU SONHO — A CIDADE UNIVERSITÁRIA

Instituto e Antibióticos em construção



Origem do Ministério Público

ANTONIO MEDEIROS

Alguns juristas afirmam que o Órgão do Ministério Público, teve sua origem na França, no começo do século XIV, onde o direito de acusação era privado e pertencia aos particulares, enquanto outros sustentam que, os Romanos nesse tempo já o conheciam e que, Roma, berço do direito europeu, tinha nessa época uma legislação mais adiantada.

No tempo do Império Romano, uma instituição era ali apresentada, denominava-se "FISCO" tida como a primeira criação do Ministério Público, em Roma, feita pelo Imperador ADRIANO, cujos advogados conhecidos também como "Procuratores Coesaris", caíram como bem disse SAVIGNY, no ódio popular. (Savigny — História do Direito Romano na Idade Média).

Há ainda quem afirme que, neste século, as funções do Ministério Público, eram desconhecidas dos Gregos e Romanos. No que dizem respeito a estes, alegam que, os defensores civitatum, posto que tivessem o dever de denunciar os culpados, eram contudo, menos oficiais da Vindita Pública do que magistrados municipais, instituídos em cada Cidade para a defesa dos interesses comuns e os direitos ofendidos.

Em França, no tempo de CARLOS MAGNO, esta instituição passou a ser bem recebida entre o povo, considerada na expressão de MANCINI, "como uma magistratura imensa".

"A instituição do Órgão do Ministério Público antes do corpo judiciário, nos ensina MASSABIAM, é uma instituição puramente francesa, introduzida no começo do século XIV, nos parlamentos e nas jurisdições reais, que no início defendia os interesses do soberano e do estado."

Foi precisamente à França, que coube a glória da criação do Ministério Público, quando, diz GARSONNET, "no começo do século quatorze, na ordenação de Felipe o belo, de 25 de março de 1302, naquele país, pela primeira vez se falou em Ministério Público.

Nesse tempo ganhava ela, forte alicerce para

a sua legislação judiciária onde este instituto, ia pouco a pouco se tornando independente, e os agentes reais diante de um poder judiciário do Ministério Público passaram a compor uma magistratura especial, que surgiu para melhor administração e defesa dos bens do soberano, incumbido por lei, para proteção das pessoas, punidos os perturbadores da ordem pública, promovendo a repressão do crime por meio da ação penal.

A princípio os processos criminais eram de interesse da Corôa, e os promotores apresentavam-se como sentinelas vigilantes do tesouro, verdadeiros carrascos dos devedores da fazenda pública, imperando a instituição da vingança real na punição dos crimes, onde quase tôdas as penas eram reduzidas às prestações pecuniárias, que revestiam-se para o tesouro real.

"Da justiça real, se estendeu a instituição para a Justiça senhoriais e eclesiásticas, nas primeiras se manifestando pelo procurador fiscal, e na última pelo promotor, vindex publicus religionis publicae disciplinae est assertor" (Ortolan e Ladeau, Du ministère public en France) citado por Gaudino Siqueira em "Curso de Processo Criminal".

Segundo SCIALOJA, os representantes deste Ministério, eram "inspetores, diretores, e executores de tôdas as sentenças dos tribunais, presidiam juntos à abertura dos juízos, constrangiam os contumazes, punham-se a reparar a injustiça e denunciavam os crimes, tutelavam o interesse da lei e da equidade; faziam restituir os bens dos espoliados, indenizavam os fiadores dos devedores ingratos, ressarciam as viúvas pobres e crianças enganadas por tutores desleais, denunciando tais perante o corpo judiciário. Pela lição de Scialoja, notamos que, desde os tempos mais remotos os representantes da sociedade, tinham funções de relevante importância e quase ilimitada.

Conservam estes como disse MEYER, "o alto domínio da justiça, nas delimitações lógicas da respectiva atividade, que foi gradativamente dando aquele instituto mais ordem da organização, su-

gerida pela nova compreensão política do que é o governo".

Hoje em dia na França o Órgão do Ministério Público, gozã de uma ação bastante lata e independente. Vários foram os países que os moldes da organização francesa, como a Bélgica, Holanda, Itália e muitos outros que submeteram as mesmas regras, usos e costumes, investigando os mestres direitos, representando, defendendo e acusando tal como hoje, perante os juizes e tribunais, a causa e os interesses do Estado e do Fisco.

Depois da queda do império Romano, adotava à Alemanha o sistema acusatório, se bem que com formas grosseiras e rudes, regendo a justiça senhoriais e territoriais.

Na Inglaterra a princípio não se admitia o acusador público, como na Escócia, e era assim que o juiz da paz ou magistrado de policia, esperavam em seu gabinete que alguém viesse perante êle com a representação da queixa ou aviso do crime, é que ali as sociedades particulares que se propunham a perseguir os crimes, eram diversas tais como: — Corporações profissionais, estabelecimentos públicos, bancos, etc., que se encarregavam de apontar o criminoso. "No entanto isso não valia a instituição do Ministério Público dizia METTERMAIER, dava este órgão, melhor direção a perseguição com tôdas as garantias, fazendo predominar o interesse público. Apesar do sistema acusatório ali reinante, se reconheceu a necessidade da imitação dessa instituição francesa, creando-se o diretor dos negócios criminaes, assistido por seus auxiliares que se assemelhavam com a instituição do Ministério Público.

O Brasil, seguindo o exemplo dos países europeus, criou em sua legislação judiciária, êsse Órgão, porém sem o característico de magistratura especial, que ficou melhor elaborado com a lei de 18 de setembro de 1828, Reg. de 3 de janeiro de 1833 e mais tarde a lei de 3 de dezembro de 1841 e respectivo regulamento.

A princípio como notou PIMENTA BUENO, "era êle quase incompleto com muitas falhas e lacunas, que prejudicava de certo modo a aplicação da lei e da justiça.

Nessa legislação era o Ministério Público composto de: — Promotor da Corôa, com assento no Tribunal de Justiça e acumulava o cargo de promotor da relação da Côrte, de um promotor de Justiça perante cada Relação, tirados dos respectivos desembargadores, e um promotor de justiça em cada Cidade. Essa Instituição entre nós, foi se aperfeiçoando e se tornando independente à medida que foram compreendendo por força da necessidade e para melhor realização e aplicação da justiça repressiva, que êsse acusador representan-

SONETO

VASCONCELOS TEIXEIRA

Rebenta-se a distância nos extremos
Traçando a face azul duma figura,
Brota num "bouquet" de crisantemos
A abstração duma esbelta formosura.

Transforma-se a inconstância dos segundos
Nos circunflexos olhos azulados,
E expressa pensamentos infecundos,
No arrêmessô dos mares ondulados.

Na infinita dimensão dêste universo,
Reduzes os extremos da distância,
As luzes infinitas do meu verso.

Na lassidão das horas definidas,
Pressinto flutuar numa inconstância
A miragem das massas escondidas.

te da sociedade e do estado e fiscal da lei, era de suma importância à causa pública.

Sobre êle, nos tempos atuais, muito bem disse ANDRÉ DE FARIAS, citado por Roberto Lira em "Teoria e Prática do Ministério Público", quando escreve: " Não é o representante do M. P. de hoje o advogado da Corôa, instrumento de acusação sistemática, agindo mesmo contra os impulsos da própria consciência, mais a personificação da justiça e do dever. Órgão titular dos interesses jurídicos e sociais da sociedade, ou na expressão da nossa lei, o advogado da lei e fiscal a sua execução, o promotor da ação pública contra tôdas as violações do direito no desempenho de tão altas e nobres atribuições, o representante do M. P. é um perfeito magistrado, só agindo de acôrdo com o julgamento soberano de sua consciência, acusando quando se convence da responsabilidade do indivíduo e defendendo quando o considera inocente, órgão intermediário entre os poderes políticos e os judiciários, moderando os rigores do principio da independência dos poderes do Estado, e atenuando os excessos da ação privada, muitas vezes inspirados no sentido da vindita, o M. P. alcançou nos dias que correm, uma posição de tal relevância social, que suas funções são consideradas como as de uma perfeita magistratura."

Posteriormente, a lei de 20 de setembro de 1894, n.º 221, criou, os auxiliares de promotores, para substituirem em sua ausência, na pessoa do adjunto, nos termos ou juizos municipais, gozando estes das mesmas regalias e direitos do representante do M. P. quando no exercício, com pequenas restrições.

Análise Histórica

R. LINCOLN F.

Uma das ilusões mais difundidas da ciência histórica é a de acreditar que, o retrocesso no tempo, permite, aos investigadores da história, conhecer e julgar melhor, segundo seu valor verdadeiro, os acontecimentos do passado. Se é verdade que este retrocesso nos facilita a objetividade em nossos juízos, também é verdade, bem clara, que a análise "desinteressada", por bem dizer, priva-nos do "sangue" (que dá vida ao fenómeno). Portanto, cremos, que a análise distante da história reduz os fatos a imagens anêmicas, sem "viço", e até, muitas vezes, deformadas!

No domínio da investigação, a atualidade a apaixonante pode dar uma visão, uma percepção intuitiva, relativamente exata, ao passo que a indiferença que é o afastamento no tempo, é sempre estéril.

O esforço para reconstituir épocas passadas geralmente está sujeito a "regras" ou "leis" de épocas diferentes, anacrônicas, separadas pelo tempo e pelo Espírito. Cremos, sobretudo, que para compreender realmente uma coisa é preciso amá-la; para amar a ela, e não a um fantasma criado por nossa imaginação, devemos conhecê-la; para conhecer devemos nos aproximar dela muito de perto

Quantas vezes um fato insignificante nos parece, a distância, importantíssimo! Quantas vezes fatos importantes e reais se ocultam ante pequenos acontecimentos, pela ilusão que cria a falsa perspectiva histórica, ou simplesmente, por mercê do acaso.

Outrossim, acreditamos ser nossa época aquela possuidora de um verdadeiro sentido histórico. Assim também pensaram os homens de épocas passadas. Assim foi e sempre será.

Ilustrando esses fatos, poderíamos, baseados nos estudos de Myron, abalar uma de nossas grandes verdades. — Acreditamos que a Descoberta da América foi o marco inicial, o acontecimento capital daquela época. Falta-nos entretanto, o verdadeiro sentido histórico.

Para tanto formulamos algumas perguntas:

Qual foi, no fundo, a importância do descobrimento da América, quando se encontrou, por acaso, este continente num oceano imenso?... Além disso em que época foi realmente descoberta a América? Foi ela realmente descoberta ou não? Da história da América estão praticamente esquecidas as lendas de S. Brandão, as viagens dos escandinavos à Groelandia e ao Labrador as visitas dos Irlandeses às terras de "além mar" ou ultramar, as informações sobre Eric o vermelho, etc.

Contudo, acreditamos que o "descobrimento" do nosso continente foi o acontecimento marcante daquela época.

Esquecemos, entretanto, que o grande problema da Europa do século XV foi o da realização do contacto direto com o Oriente. Assim, o verdadeiro alvo das navegações foi o de resolver o grande problema comercial. O descobrimento da América é tão apreciado pelos historiadores somente por motivo da importância adquirida durante os dois últimos séculos. Nem historicamente, nem, sobretudo, economicamente esta descoberta se pode comparar à do caminho para as "Índias".

Todos os manuais de História, porém, inauguram a época moderna pelo descobrimento de um continente, naquele século, de importância muito limitada.

Foi no extremo oriente que a luta entre os colonizadores portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e ingleses pode decidir sobre o futuro daquela Europa. Atualmente, com a inclusão dos americanos, russos e japoneses reside, ainda, naquelas mesmas paragens e no Oceano Indico, a chave da política mundial.

Destarte, como foi dito acima, cremos ser mais fácil perceber a verdade dos fatos que nós próprios vivemos.

Se existir parcialidade, esta pode ser corrigida, até certo ponto, quando o investigador esta de boa fé.

Mas, ver as coisas a distância, sobretudo as coisas que perderam a atualidade, equivale a vê-las reduzidas ao estado de pó arqueológico.

Colonização Holandesa e Portuguesa no Brasil

V A M I R E H C H A C O N

Estudaremos aqui aspectos da colonização holandesa e portuguesa, sem sectarismos ou intenções de ferir bríos patrióticos ou preferências de quem quer que seja. Apontaremos a realidade sociológica e histórica baseados, principalmente, em documentos e autores nórdicos (alemães e flamengos), insuspeitos em corroborar nossa tese, conforme veremos adiante.

Um dos problemas mais discutidos de nossa formação étnica e social é justamente o mais básico de todos: a vantagem ou não do Brasil ter sido colonizado por lusos.

Tendo sido atacado por ingleses, franceses, espanhóis e holandeses, somente os lusitanos conseguiram estabelecer-se aqui com solidez. Terá sido mero acaso? Ou os portugueses, cedo ou tarde, seriam os fatais colonizadores destas paragens tropicais por razões sociológicas? Antes de mais nada não há fatalismo sociológico. Se os portugueses e espanhóis foram os únicos povos europeus que tiveram êxito em legar civilizações nos trópicos, ligadas por laços culturais e sentimentais às metrópoles, isto se deve mais a uma vocação, a um instinto quase, que a um determinismo.

Devido, principalmente, a uma marcante influência da África, através do clima aparentado com o desta região, e através das etnias mouras, a península ibérica estava mais voltada para o Atlântico e os trópicos que para o resto da Europa.

As tentativas inglesas, francesas, holandesas sempre soaram como aventuras comerciais ou, pelo menos, de natureza circunstancial, enquanto as portuguesas revelaram, no Brasil, um sentido de permanência de quem gosta e está habituado aos trópicos. É o caso de Duarte Coelho, que veio para cá acompanhado de colonos, desejoso de fixação ao solo, enquanto fracassaram os esforços de situar holandeses em Itamaracá e algures para o cultivo da terra.

Entretanto não são poucos os defensores, ainda hoje, no domínio báltico como superior ao luso. Muitos chegam mesmo a considerar a permanência perdida do flamengo e do nórdico no Brasil como um fator de progresso, contrapondo-se com a inércia e estreiteza e visão do lusitano. Os entusiastas da obra de Nassau contam-se em número bastante grande. Por isto seria conveniente estudarmos aqui, em linhas gerais, o verdadeiro sentido da conquista holandesa no Brasil. Testemunhos insuspeitos, de flamengos considerados patriotas, como Willem Usselinx, Jan Moerbeek e Jan de Laet, podem esciarrecer-nos a respeito. Em todos eles, e na própria atividade holandesa no Brasil, ressalta o lado comercial, utilitarista, da empreitada. Não que os portugueses fôssem desinteressados e puros. Apenas estavam em um discutido período de economia feudal, enquanto os Países Baixos já marchavam para o mercantilismo, preparação mais próxima ao capitalismo. Assim sendo a aventura flamenga no Brasil revestiu-se sempre de uma avidez de lucros que não se encontrava tão manifesta nos lusos.

Não se deve concluir daí maldade ou inferioridade do holandês, pois também os portugueses arregalavam os olhos para as riquezas do Brasil. Aconteceu, porém, o fracasso báltico nos trópicos por razões sociológicas que tentaremos resumir.

Antes de mais nada o choque entre holandeses e ibéricos, por causa de colônias, era, por assim dizer, inevitável. Lançando-se à expansão marítima na primeira metade do século XVII, quando portugueses e espanhóis controlavam grande parte dos novos mundos, os atritos com eles surgiram com violência. Engel Sluiter em seu trabalho intitulado "Dutch maritime power and the colonial status quo, 1585-1641", mostra a superioridade esmagadora em recursos de capital, navios e marujos", da parte dos holandeses. (1) Organizando a "Privilegiada Companhia das Índias Ocidentais"

(Geoctroyeerde Westindische Compagnie) (WIC), tornou-se evidente o fito sistematisado de uma empresa comercial. Embora os portugueses também tivessem seus interesses comerciais, pelo menos revelaram-se, e revelam-se ainda, com uma extraordinária plasticidade nos trópicos, já diversas vezes apontada por Gilberto Freyre, e que falta ao bätavo.

A WIC surgiu depois de uma árdua batalha, na qual Willem Usselinx, flamengo de Antuérpia, foi um dos principais combatentes pela sua formação. Pretendia ele "promover uma ligação mais estreita entre a Holanda e o Novo Mundo", à maneira do que fazia a Companhia das Índias Orientais em seu setor, aumentando a expansão bätava.

Herman Waetjen mostra como Usselinx empenhava-se "na criação de núcleos coloniais e na facilitação das relações comerciais — relegando, em contrário, para segundo plano a atividade militar da nova Sociedade", em que os "potentados" da Holanda insitiam tanto visando prejudicar a Espanha, sua fidal inimiga, ao arrancar-lhe o Brasil uma de suas maiores fontes de renda.

Waetjen mostra a decepção de Usselinx com o modo em que se constituía a WIC. Depois de marchas e contra-marchas ela se organizou como "instrumento de guerra" nas mãos dos Estados Gerais, sofrendo sua direção uma grande influência dos mesmos e dos acionistas. Tudo isso desgostou profundamente Usselinx. (2)

Ansiosa em prejudicar a Espanha com o fim de aliviar o pêso da guerra movida por esta nos Países Baixos, cheia de avidez e lucros, podemos resumir assim o que foi a conquista flamenga. Moerbeek chega a falar em consentir pilhagens, "pois durante a pilhagem dos habitantes, por parte dos soldados e marinheiros, tudo isso reverteria a Companhia", e "Se a Companhia as Índias Ocidentais permitir, de boa vontade, essas pilhagens, obterá tão grande reputação que, em todos os tempos, poderá dispor de tanto pessoal quanto precisar. (3) Isso não é tão digno de admiração quanto pode parecer à primeira vista, pois não só a Holanda como também outros países entraram assim na corrida comercial marítima, fazendo concorrência a Portugal e Espanha.

Com boa parte de capital judeu financiando a empresa, além do flamengo, a WIC visava também evitar o escoamento de capital holandês para fora dos domínios bätavos (Inglaterra, França, Austria, etc.) conforme mostra José Honório Rodrigues apoiado num relatório de Jan Andries Moerbeek, em 1624. (4)

Edmund von Lippman, em sua "História do

Açúcar (Geschichte des Zuckers), mostra como vigorava então na Europa do século XVII "custosa e inútil mania do açúcar", atribuída à influência das refinarias, as quais, segundo Bloom, estavam em mãos dos judeus. Sluiter acrescenta que vinte e nove refinarias na Holanda trabalhavam "como resultado do tráfico" com o Brasil.

Esperando uma renda de 4.795.000 florins, conforme prevê uma "Lista de tudo o que o Brasil pode produzir anualmente", documento do século XVII, de autor desconhecido, com um capital inicial de 7.108.106 florins, os holandeses lançaram-se ao ataque.

Uma vez estabelecidos aqui deram provas de inadaptabilidade nos trópicos.

O historiador José Antônio Gonsalves de Mello, neto, uma das maiores autoridades no período flamengo, diz: "O holandês não revelou no Brasil, como colonizador — observou também Gilberto Freyre — jeito especial para se adaptar a novo meio, a novas condições de vida. Continuou rigidamente dentro de suas antigas atitudes, com a mesma o "Dieta", o mesmo tipo de casa". Gêneros alimentícios e material de construção vinham da metrópole ou de outras regiões com as quais comerciavam.

Enfim, até velas de cera, tecidos, couros, chapéus e sapatos, para não mencionarmos especiarias, vinham de além-mar.

Claro está que naqueles tempos de extraordinário primarismo econômico, certos produtos teriam de ser importados. Contudo, a inadaptabilidade holandesa não se revelou apenas por este aspecto. Nota-se, por exemplo, a ausência de flamengos em profissões técnicas de engenho, tais como mestre purgador, feitor e chefe de moenda, conforme testemunham os documentos examinados por José Antônio.

Segundo um "Breve discurso sobre o estudo das quatro capitánias conquistadas", consultado pelo mesmo historiador brasileiro acima referido, as tentativas de fixar colonos em Itamaracá terminaram sem resultados positivos.

Outro ponto interessante é que nem como senhores de engenho acomodaram-se os flamengos. Servaes Carpentier e Gaspar van der Ley foram exceções, tendo o último dado origem a um grande ramo de famílias nordestinas.

A maior parte dos bätavos preferia a "especulação no comércio açucareiro", juntamente com os judeus. Estes últimos exerceram enorme influência naquele período, fato que pretendemos estudar em trabalho mais longo, versando não só acerca daquela época como também acerca de sua posição sociológica e ecológica no Recife em geral.

O primitivo "programa político colonial" acabou "sendo substituído por outro de simples exploração e açambarcamento do comércio". (5)

O governo e Nassau, apontado por muitos como o protótipo da colonização flamenga, não passou, no Brasil, de um hiato, ocasionado, em grande parte, por motivos econômicos. O andamento da situação política e militar estava muito mal para as finanças holandesas: "Com o desenvolvimento da guerra a produção de açúcar começou a cair até dar prejuízo. A Companhia resolveu, então, centralizar o sistema em um só homem: Nassau. (6) Os planos do Conde não tardaram a não ter os efeitos desejados. Retirando-se do Brasil a situação piorou novamente e acabou por efetuar-se a Restauração pernambucana.

Segundo Lippman, Barléus mostra as consequências econômicas da insegurança da época: crise comercial na açúcar. Hostilizados pelas guerrilhas, inadaptados no ambiente, acabaram por retirar-se, os bátavos, sem o pagamento de muitas das dívidas contraídas por certos restauradores, inclusive João Fernandes Vieira, apontado numa "Lista dos devedores portugueses da neerlandesa Companhia das Índias Ocidentais, etc", com um débito de 321.756 florins. Documento que se encontra na "Historical Society of Pennsylvania", cuja cópia fotostática foi traduzida por José Antônio, e encontra-se na publicação do relatório de Van der Dussen, como apêndice.

Isto é, em palavras muito rápidas, a realidade sociológica e "histórica, sem nenhuma intenção de ferir brios patrióticos ou preferências pela colonização flamenga.

Pode-se argumentar a inexperiência dos holandeses nos trópicos para justificar sua inadaptabilidade, contrapondo-se ao traquejo dos lusos e espanhóis na navegação por estas regiões.

Por outro lado não era só a Holanda um país pequeno às voltas com inimigos poderosos. Também Portugal. E a Holanda já havia tentado uma experiência nas Índias Orientais, da qual resultaram certas vantagens. No próprio Brasil "triplações e navios holandeses eram empregados pelos mercadores portugueses", e no comércio, desde pelo menos 1587, segundo documentos da época. (7)

A WIC não atacava só o Brasil. Exercitava incursões desde a costa brasileira e africana até as Antilhas, passando pelo México, Cuba, Curaçao, Tortuga. Chegou mesmo Piet Heyn a capturar uma "frota de prata" espanhola, "Silver Vloot", valendo-lhe um grande lucro, e proporecionando fundos para o ataque ao Brasil.

Acabou por desvanecer-se a WIC. Atesta Lip-

pman que "Ao rápido desenvolvimento das refinarias de Amsterdam, na primeira metade do século XVII logo se seguiu não menos rápido descenso, motivado pelo progresso industrial e pela política econômica dos vizinhos..." (8)

Não devemos chegar a conclusão de que os holandeses são péssimos colonizadores enquanto os portugueses é que são os modelos. Apenas o flamengo falha, sociologicamente, nos trópicos, como os portugueses, por outro lado, parecem dissolver-se em climas frios, como nos Estados Unidos, por exemplo, enquanto se impõem nos trópicos.

Gilberto Freyre assim se expressa acerca do luso nos EE. UU.: "Desaparece ou dissolve-se. O clima frio fa-lo contrair-se, amarfanhá-lo, banalizá-lo em ex-português", revelando "Incapacidade como que psíquica, do Português para continuar gostosamente português em clima frio". (9)

Finalmente está aí a evidência dos fatos: uma América tropical de origem ibérica, colônias africanas com promissores horizontes étnicos, uma Ásia em que as Filipinas são um dos mais importantes remanescentes da cultura espanhola, ao lado da incompreensão racial da Indonésia, da África do Sul de origem "boer" ou inglesa, das Guianas quase na mais rudimentar existência econômica e política.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Overwhelming superiority in capital resources ships and seafaring men... The Dutch Maritime Power and the Colonial Status Quo (Engel Sluiter) (The Pacific Historical Review-March 1942)
- 2) O Domínio Colonial Holandês no Brasil (Herman Waetjen) (São Paulo-1938) (pgs. 80-81) (Edição alemã: Das Hollaendische Kolonialreich in Brasilien-Gotha-1921)
- 3) Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil e isto quanto antes (Jan Andries Moerbeek) (Rio-1942) (pgs. 32-33)
- 4) Idem (pg. 21)
- 5) No tempo dos flamengos (José Antônio Gonçalves de Mello, neto) (Rio-1947) (pgs. 145-185)
- 6) Idem (pg. 153)
- 7) Apud Sluiter (pg. 31)
- 8) História do Açúcar (Edmund von Lippman) (II vol.) (Rio-1942) (pg. 102) (Edição alemã: Geschichte des Zuckers)
- 9) Em torno de um novo conceito de tropicalismo (Gilberto Freyre) (Coimbra-1952) (pgs. 20-21)

Filosofia de Preto Velho

Aziz Francisco Elihimas

Escrever é registrar reação psicológica, afirmava o saudoso escritor Monteiro Lobato.

Num destes dias de sol tropical, perfilou diante de meus olhos a figura humilde de preto velho; trazia em seu semblante a ternura de uma vida calma e sem ambição. Seus cabelos brancos indicavam a sua avançada idade, e seus gestos mansos davam-lhe um aspecto de simpatia humana.

Preto velho, fôra em sua mocidade arrojado pescador do Pina, entretanto, hoje, alquebrado, vai consumindo os seus dias, vagando pelas praias de Boa Viagem e, dispersando os últimos lampejos de sua vida.

Assim é o grande contraste da existência. Na mocidade fôra bastante falado, quando, atirando-se às fúrias das ondas, transpôs os arrecifes, trouxe em seus braços negros a filha formosa e herdeira única de um milionário. Teve fama e em recompensa ao seu heroísmo, recebeu uma casinha, hoje transformada em palhoça, destruída pelas intempéries praias, na qual habita a sua desdita.

Preto velho, quase centenário, tem sobre o corpo as vestes em longos rasgões. "Cansado", abrigou-se debaixo d e uma sombra amiga, deixando de lado o bernal, e preparou-se para o almoço. Tirou de sua cuia, a farinha, o produto de uma esmola, e com as mãos tremulas começou a machucar sobre a calçada quente do Pina, os grãos de feijão, fazendo a farofa, com a qual se alimentou. Preto velho não tinha mais um dente sequer. Também não tinha preceito higiênico.

Era ingênuo como as crianças. Almoçou, numa simplicidade comovedora de esmolar, refletindo a tranquillidade de espírito que a velhice corôa, os corações sem maldade e sem ambição.

Acabando o almoço, o ancião levantou-se, colocou o bernal sobre o ombro alquebrado, balbuciou uma expressão de religiosa gratidão, cami-

nhou lentamente apoiado ao bastão, perdendo-se na curva do caminho...

Entretanto êle trazia na alma, a história triste de seu sofrimento; contemplando o mar vomitando espumas brancas afloravam à sua memória já "cansada", recordações daquele dia fatídico de agosto de 1943, quando seu filho sucumbiu num navio torpedeado nas costas nordestinas, na última Guerra Mundial.

E ainda outras idéas fúnebres perfilaram em seu cérebro. Seu último filho robusto pescador do Pina tragado numa noite tempestuosa em algum lugar do oceano...

História triste de preto velho... Sua companheira atraída pelos olhos fascinantes de um praieiro, abandonou o lar, numa data já longínqua, fugindo para as praias desertas da Paraíba, na qual cairia um dia fulminada pelas mãos acrílicas de seu raptor.

No interior de preto velho moravam a desilusão, a infelicidade e a dor.

A caridade humana, este grande privilégio dos corações bem formados, garantia-lhe as migalhas de seu sustento, as sobras dos banquetes quase diários dos afortunados.

O mar, este monstro verde e agitado, tragara-lhe os filhos; a violenta paixão humana, arrastou na avalanche furiosa e cega, a companheira de sua vida.

Um relicário de tristezas, sedimentou-se no intimo daquele velho preto, e na ternura de uma velhice resignada, diariamente se arrasta ao longo da Avenida Boa Viagem, ouvindo o mar agitado, o vento brincando com as cabeleiras verdes dos coqueiros; e as ondas de areia, perpassam flutuantes em nuvens sucessivas como as desilusões da vida...

Um Verdadeiro Cancer Social

Valdi da Mata

É de uma necessidade imprescindível, que já se faz sentir há muito tempo, a criação de casas correcionais para menores delinquentes, obedecendo aos moldes e sistemas que possam dar o maior rendimento possível.

Entretanto o desleixo das autoridades competentes vem se perpetuando, sem que possamos apontar uma iniciativa sequer, com o fito de vencer esse perigo que se descortina todos os dias aos nossos olhos.

A Penitenciária do Recife abriga quase uma centena de menores, não havendo, pelo menos, separação rigorosa entre estes e os adultos, enquanto outros vivem libertos, por falta de acomodação, provavelmente, realizando as suas façanhas e conseguindo mais adéptos.

Ora, se os entendidos combatem enérgicamente a amontoação de menores, alegando o difícil ou, mesmo, impossível trabalho de reeducação, como poderemos admitir que, menores e adultos, mesquem-se de tal maneira, quando sabemos que até os próprios processos de reajustamento ao ambiente social, usados para uns e outros, divergem completamente.

Sobre este fato, devemos lembrar as palavras do ilustre professor Francisco Barreto Campelo, em sua tese "MENORES DELINQUENTES":

"As necessidades e os sentimentos da menoridade são completamente diversos e, às vezes opostos. Enquanto os menores são organismos e caracteres em formação, verdadeiros retratos do ambiente, os adultos são individualidades definitivas, posto que pela lei de adaptação, cujos efeitos acompanham sempre o homem, sejam ainda seres plásticos, sensíveis a educação e à correcção".

Podemos concluir, das palavras do insigne mestre, que embora, com relação aos adultos, não se possa afastar a idéa de uma reabilitação, de uma certa transformação dos seus instintos criminosos, é bem de ver

que entre eles há, com mais frequência, a fixidez dos hábitos enquanto que, entre os menores novos cenários poderão desviar as suas atenções, pois eles são como um pêndulo, oscilando tanto para o lado mau como para o lado bom.

Portanto, processar tal mistura "é favorecer a propagação do crime pelo exemplo, pela atuação contínua dos companheiros, atuação que tem mil formas na convivência de prisão e cujo resultado maléfico é inevitável". (Tese citada).

Assim, sendo, não há cogitar de um rendimento satisfatório na correção dos menores delinquentes, tendo em vista a indiferença irritante e, porque não dizer deshumana por parte dos responsáveis por estes fatos imperdoáveis.

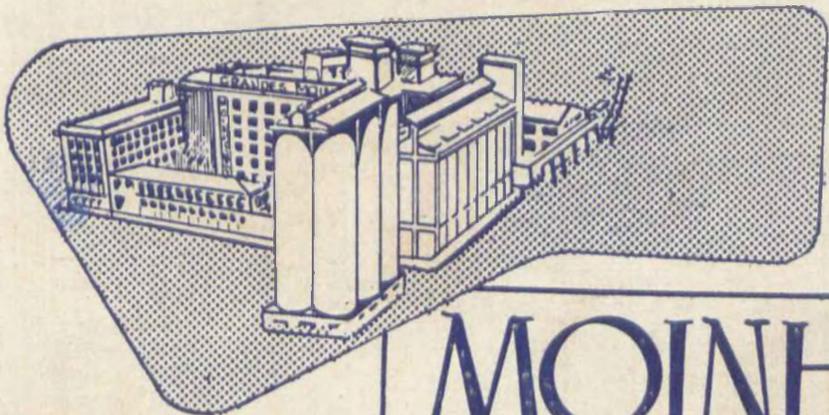
Porém, já que eles silenciam, devemos reclamar em voz alta, precisamos forçá-los a realizar alguma coisa neste sentido, antes que sejamos obrigados a seguir o mesmo caminho, ao notar que nós é que seremos os desajustados em face do ambiente em que nos encontrarmos.

O nosso apêlo não poderá ser qualificado de coisa impossível ou supérflua, uma vez que capital muito mais vultoso tem sido empregado em realizações infrutíferas.

Pelo contrário, é uma providência que pode e deve ser estudada em primeiro plano, pois dela depende o que de mais nobre reside no espírito humano, o que de mais impressionante é observado em um povo: o seu caráter, o seu valor moral.

Por isso, devemos unir as nossas forças e formar a alavanca que retirará do subsolo a pedra fundamental de uma casa correcional para menores delinquentes, onde, em lugar de tempo para concatenar idéias criminosas, haja livros para os que pretendem seguir o caminho das letras e, aprendizagem profissional, para os que queiram representar a máquina propulsora do nosso progresso.

Um produto que não deve faltar
no seu lar



MOINHO RECIFE

Sm/91
Jno / 2013

F.D.R.

p12
S:1

340.05
R 297e

**NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA**

Ao magnífico Reitor João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, e à direção da Imprensa Universitária, os agradecimentos dos estudantes de Direito.